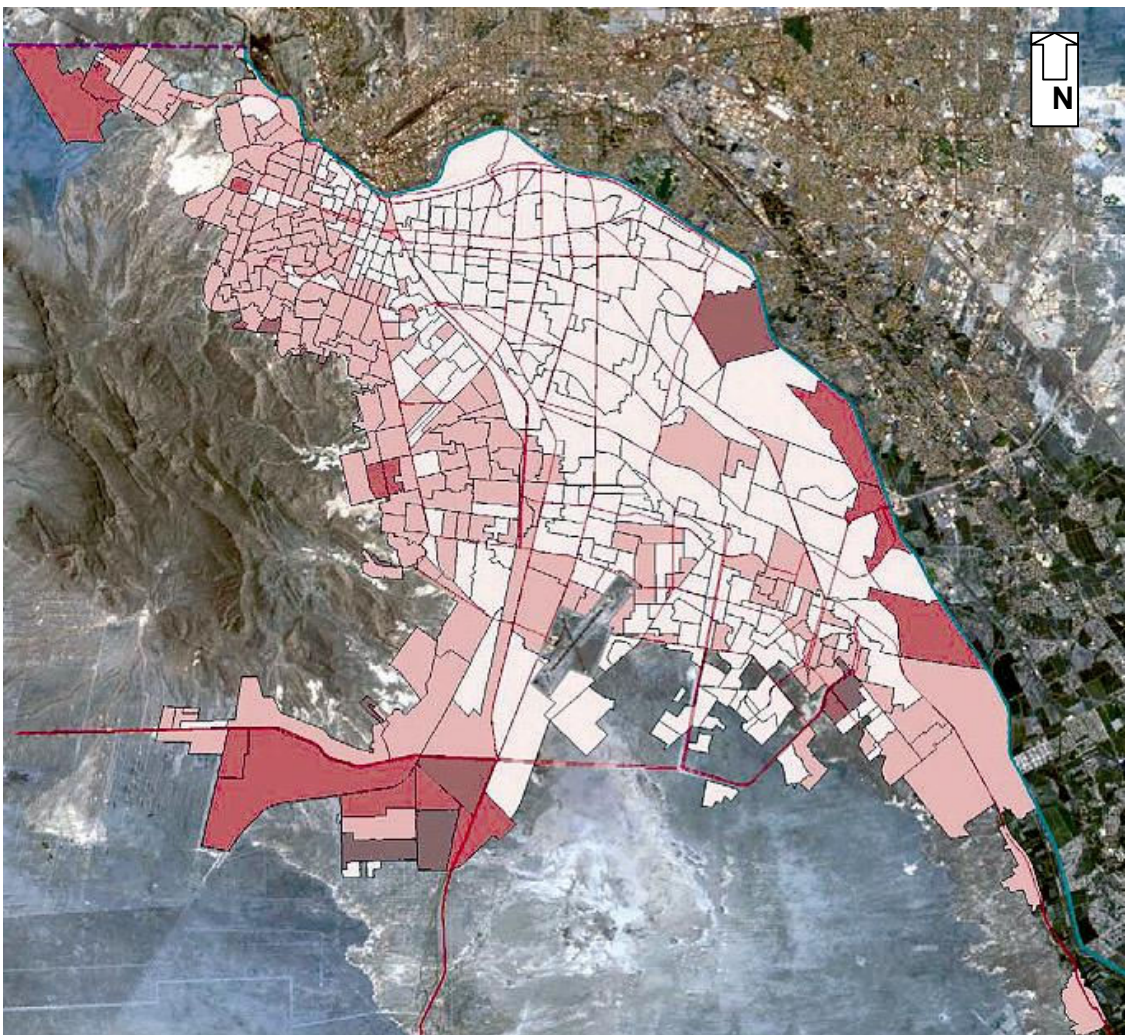


---

Ciudad Juarez está localizada no centro da linha da fronteira do México com os Estados Unidos, plantada em meio ao Deserto Chihuahuense, dividida de sua cidade-gêmea El Paso, Texas, pelo Rio Bravo. A cidade sobreviveu longos anos, isolada, como um posto de fronteira, até a construção de ferrovias que a conectaram com a cidade do México e, do outro lado da fronteira, com outras regiões dos Estados Unidos, primeiro impulso de crescimento demográfico verificado na cidade.

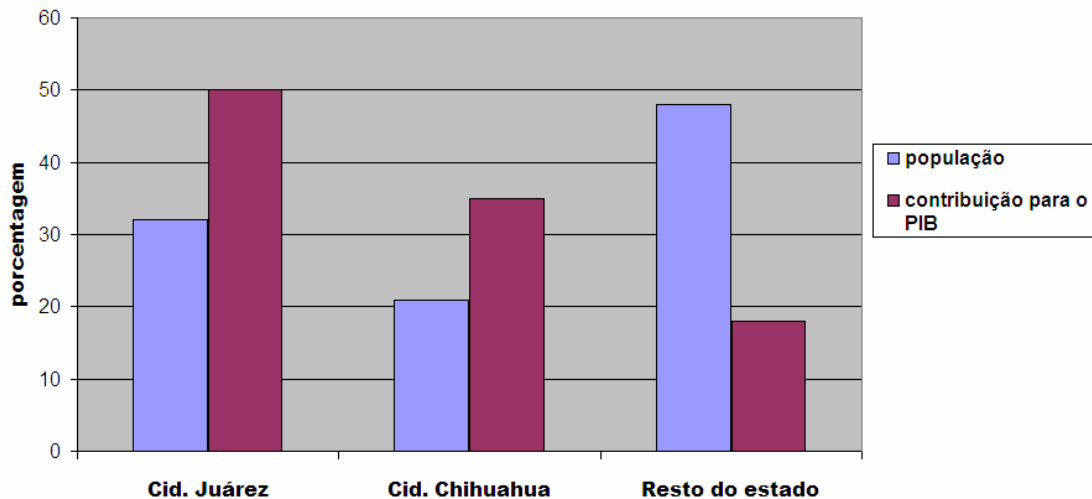


Fonte: IMIP – Instituto Municipal de Investigación y Planeación de Ciudad Juárez. *Radiografías de Ciudad Juárez*. México, 2006. Sem Escala

O segundo salto se deu na década de 1960 com a instalação das primeiras indústrias mexicanas na região, seguidas da implantação de indústrias americanas de pequenos componentes – *a maquila*. A partir daí Cd. Juárez vem

---

assumindo importantes papéis na economia da região e do país. Atualmente, é a cidade mais populosa do estado de Chihuahua com 1.218.817 habitantes, e a atividade manufatureira corresponde a 42% de sua economia. O gráfico a seguir compara Cd. Juárez, a cidade de Chihuahua, capital do estado de mesmo nome, e o resto do estado em termos de população e colaboração para o PIB.



FONTE: Instituto Municipal de Investigación y Planeación de Ciudad Juárez - 2005

As regiões da fronteira norte do México são marcadas não só pela forte dependência econômica do capital estrangeiro, mas também por taxas de crescimento elevadas, chegando ao dobro da nacional; para Cd. Juárez, no ano 2000, essa taxa foi de 4,22%. A principal causa desse crescimento é o fluxo de migrantes, que compõe 40,8% da população, 45% destes atraídos pela possibilidade de emprego nas indústrias, mas também com volume significativo de migrantes temporários em busca de uma chance de cruzar a fronteira.

O modelo de urbanização que privilegia as vias largas e o uso do automóvel reflete a influência do modelo dos EUA sobre o desenho da cidade que se dilui no território. Contudo, essa afirmação urbana no território desértico de clima inclemente foi precedida por uma disputa acirrada entre o homem e a natureza, entre espanhóis e habitantes nativos.

---

Muito antes que os primeiros espanhóis, cegos pela cobiça e pela luz do deserto, pisassem o solo da região, de clima inóspito, desértico, temperaturas extremas e escassez de terrenos férteis, desde trinta mil anos atrás, povos indígenas seguem o curso do rio bravo vindos do Norte em direção ao Sul em busca de novos territórios para a caça e, de passagem, descobrem a América em toda sua extensão, do Alaska à Patagônia, num mundo ainda sem fronteiras. Muitos destes povos nômades plantaram seus pés no centro do seu mundo, as terras do rio grande, rio bravo, e ali desenvolveram suas culturas até que, a chegada do cavalo, do fuzil, do homem branco, concretizasse seus pesadelos.

O náufrago, o vencido, o morto de fome e de sede, o esfarrapado Nuñez Cabeza de Vaca sobrevivente de uma desditosa expedição em busca do El Dorado, depois de oito anos de extravio, convivendo com os índios como se um deles o fosse, sem deixar de esquecer sua origem branca e senhoril, percorre a pé o deserto desde o rio bravo até a cidade do México, onde foi recebido como herói pelo vice-rei Mendonza e o conquistador Cortés. Os quatro sobreviventes dos quatrocentos saídos da Flórida, não contam o que haviam vivido e sim o que sonharam: propagam a ilusão do Eldorado, outro México, outro Peru, pouco além do rio grande. Sobreviveram para mentir e incitar a cobiça.

Cinqüenta e quatro milhões de homens e mulheres viviam no vasto continente, do Yukón à Terra do Fogo, e quatro milhões ao norte do rio grande, quando chegaram os espanhóis. Cinqüenta anos mais tarde só viviam quatro milhões em todo o continente e as terras do rio quase se tornaram desabitadas, flageladas pela varíola, o sarampo e o tifo.

Cinqüenta anos mais tarde, nada encontraram, senão a morte que os havia precedido, Francisco Vázquez de Coronado e os trezentos espanhóis, seis franciscanos, mil e quinhentos cavalos e mil aliados índios das terras de Coahuila e Chihuahua, quando chegaram à região em busca das cidades de ouro, da passagem para o oriente de fábula. Porém, deixaram ovelhas, bodes, galinhas e o trigo, regados como suas palavras *castellanas* com a mesma facilidade e fertilidade em ambas as margens do rio grande.

---

Foi ainda no rastro da fábula que em 1659, o herdeiro de um dos mais poderosos e ricos homens da Nova Espanha, Juan de Oñate Cristóbal, vem ao rio grande com cento e trinta soldados, quinhentos povoadores, homens e mulheres, crianças e serventes, funda El Paso del Norte e declara o domínio espanhol sobre todas as coisas vivas e inanimadas. Realiza uma campanha de morte e chega à Ácoma, o centro do mundo indígena. Destroi a cidade, mata meio milhar de homens, trezentas mulheres e crianças e àqueles que restaram torna cativos decepando-lhes o pé esquerdo. Estabeleceu seu próprio império, mas o isolamento e as revoltas que culminaram com a grande rebelião dos povos em 1680, o venceram. Bastaram duas semanas para os rebelados expulsar espanhóis, matar franciscanos, destruir colheitas e recuperar suas terras.

Bernardo de Gálvez negocia a paz por artimanhas e armas. Rifles de má qualidade, quebradiços, que nas mãos dos índios tornaram-se inúteis, foi o preço pago. Mas a paz nunca estaria assegurada se a região não fosse devidamente povoada. Famílias de Tenerife, colonos de Málaga, são atraídos para a região. Estes recebem em troca, terras, títulos de nobreza, passagem livre pela fronteira. E chegam também os primeiros *gringos*. Logo vêm aos milhares de todas as partes dos Estados Unidos da América empurrando a fronteira em direção ao rio bravo, primeiro com a força do dinheiro, depois com força das armas. E foram os *gringos* que, depois de séculos, desentranham da terra a riqueza fabulosa – o petróleo.

“Pobre México, tão longe de Deus, tão perto dos Estados Unidos”, sentença de um dos primeiros ditadores do México república.

Este relato breve da conquista e povoamento da região, compilado da novela de Carlos Fuentes (1995), *Fronteiras de Cristal*, faz parte das origens da Cd. Juarez.

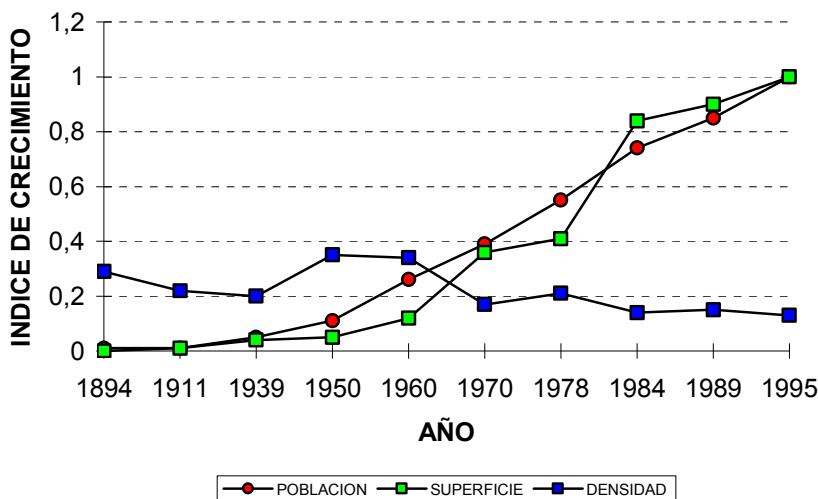
Até os anos 1950, os limites de sua expansão territorial, num padrão concêntrico desde o centro tradicional foram, a fronteira internacional, a *Sierra de Juárez* a oeste, e o vale agrícola a leste. Após este período, esse padrão de crescimento se modifica, com a ocupação do vale agrícola pelas classes mais

---

abastadas, *los hacendados*, enquanto o operariado se instalava em direção a oeste, para trabalhar em indústrias mexicanas que vinham se instalando ao sul.

A década de 1960, vê crescer a industrialização nas regiões de fronteira com o concurso do Programa Industrial Fronterizo. É o advento da *maquilla*. A ocupação da chamada Zona Poniente vai se expandindo em Cd. Juárez conforme chegam levas de migrantes em busca de trabalho nas novas indústrias, sem recursos para conseguir moradia na cidade consolidada. Como as indústrias se instalam em áreas afastadas do centro original, a ocupação se espalha, e a densidade populacional cai drasticamente. Ao se desenvolverem estas novas centralidades, distantes do centro urbano tradicional, o crescimento da cidade deixa de seguir um padrão concêntrico para expandir-se em torno destes novos centros.

A tabela a seguir, extraída do *Plan Parcial de La Zona Poniente*, elaborado em 1998 pelo *Instituto Municipal de Investigación e Planeación* de Cd. Juárez, relaciona o crescimento histórico, a área ocupada pela cidade e a densidade populacional.



---

Essa combinação de altas taxas de migração e o disperso padrão de urbanização colabora para aumentar o déficit de infra-estrutura, equipamentos, moradias e serviços.

Nos anos 1980, Cd. Juárez tinha a concentração espacial das chamadas *maquilas*, hoje o tipo de indústria mais freqüente na região, e cuja instalação de início contou com grandes investimentos da iniciativa privada para a dotação de infra-estrutura e serviços urbanos.

Porém, a velocidade com que se deu o crescimento a partir daí, e o volume das migrações deram origem a um déficit de habitação, transporte, água e esgoto que perdura até hoje. As taxas de desemprego na cidade eram das mais baixas do país, por volta de 1% em 2000, enquanto a nacional era de 3%. Com a desaceleração da economia dos EUA, à qual a economia da cidade está estreitamente vinculada, esta taxa subiu, chegando a equiparar-se à média nacional de 4%. Esta dependência da economia dos EUA, inclusive mais do que da do próprio país, deixa Cd. Juárez muito vulnerável. Estima-se que 50.000 empregos foram perdidos com a recessão dos EUA e os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 (Álvarez, 2002). O desemprego se torna mais preocupante se considerarmos que a cidade continua atraindo grandes levas de migrantes, para as quais já não se consegue prover moradia e serviços públicos suficientes, e que acabam tendo como alternativa a economia informal e a habitação precária.